

raquel prosa, lucas daniel, kadan lopes,  
jad william, ruana carla, camila s. m.  
victória, hugo queiroz, capitú

# 764

## da barragem pra cá



padê editorial  
escrevivências #34

# **padê editorial**

**Paranoá (DF)  
2019**



**padê editorial**

**764**

**Da barragem pra cá**

Raquel Prosa  
lucas daniel  
Kadan Lopes  
Jad William  
Ruana Carla  
Camila S. M.  
Victória  
Hugo Queiroz  
Capitú

cole-sã escritôrias #34

**Prosa, Raquel; daniel, lucas; Lopes, Kadan; William, Jad; Carla, Ruana; S. M., Camila; Victória; Queiroz, Hugo; Capitú. 764: Da barragem pra cá. / Raquel Prosa, lucas daniel, Kadan Lopes, Jad William, Ruana Carla, Camila S. M., Victória, Hugo Queiroz, Capitú. - 1a. ed. - Paranoá (DF): padê editorial; Inesc, 2019.**

ISBN: 978-85-85346-44-7

Tiragem da 1ª edição: 800 exemplares



**764**

## **Da barragem pra cá**

Contos, poemas, e relatos autobiográficos com autoria de:  
**Raquel Prosa, Lucas Daniel, Kadan Lopes, Jad William,  
Ruana Carla, Camila S. M., Victória,  
Hugo Queiroz, Capitú**

edição, diagramação, concepção da arte, revisão:  
**tatiana nascimento**

professorxs das oficinas de produção textual:  
**tatiana nascimento, kati souto, nina ferreira, pedro ivo**  
equipe de encadernação:

**xs autorxs, mais tatiana nascimento, kati souto, sheila antunes,  
lélia de castro, melissa navarro**

**padê editorial** é um coletivo editorial que publica  
autoras negras y/ou lgbtqi+ fundado em Brasília / DF  
por tatiana nascimento y Bárbara Esmerina em 2015

**www.pade.lgbt**  
pade.editorial@gmail.com

esse livro foi feito como parte do projeto Mapa das Desigualdades do Inesc, e faz uso da licença creative commons tipo “atribuição-não comercial-sem derivações”, o que significa que você pode compartilhar o material em qualquer suporte ou formato, desde que a autoria seja atribuída (“atribuição”) & desde que não seja feito uso lucrativo do material (“não comercial”). o conteúdo não pode ser modificado (“sem derivações”).

conheça outros títulos da coleção no portal [www.literatura.lgbt](http://www.literatura.lgbt), onde estão disponíveis pra venda (livros impressos) y pra download gratuito (versão em .pdf).

tipografia: ogirema e chicago



764

Da barragem pra cá

Bicho de gente – **Raquel Prosa**  
A biblioteca do Paranoá reabriu. – **lucas daniel**  
Educador de quem? – **Kadan Lopes**  
Cidade que dorme – **Jad William**  
Parada da 23 (Corpo transitável) – **Ruana Carla**  
Joanas – **Camila S. M.**  
Quem sou?! – **Victória**  
Cria do Paranoá – **Jad William**  
Afeto – **Ruana Carla**  
Cachorro e Borboleta – **lucas daniel**  
BOA VIAGEM – **Kadan Lopes**  
Eu sou nós – **Victória**  
Vênus em peixes – **lucas daniel**  
Mundo colorido – **Hugo Queiroz**  
Autobiografia de **Raquel Prosa**  
Autobiografia de **Ruana Carla**  
#PRETAPATRÍCIA #PRETACAMILA – **Camila S. M.**  
[amor te escrevo amanhã] – **Capitú**  
Além de preto, é viado – **Jad William**  
Posfácio do **Movimento Nossa Brasília e Inesc**  
Posfácio da **padê editorial**



## Bicho de gente

Raquel Prosa

Há alguns anos enquanto tentava chegar ao recanto, pude presenciar a nojenta manifestação de uma minhoca de aproximadamente 17 metros. Quando menina, minha reação ao ver minhocas sempre era dividida entre o medo e o nojo; toda vez que via algum bicho repulsivo pensava em matar, mas logo depois meu corpo era tomado pela terrível sensação de imaginar a textura pegajosa do animal entre meu sapato e o chão; além do mais, sentir a vida de outrem se esvaír embaixo de seus próprios pés torna a morte muito pessoal. Por esta razão, jamais matei.

Mas aquela minhoca era diferente, tinha 17 metros! Era bicho feito de gente, eu tinha que enfrentar. Então fiz um sinal com o braço, para que o bicho entendesse que tinha de parar. Me vi menina demais frente a um animal que não era, certamente, um animal: era um bicho, um monstro gigante feito de gente. Seu corpo era cilíndrico e robótico, o meio todo recoberto por anéis que davam à minhoca movimentos precisos, às vezes circulares, mas ela ainda era mais lenta que os outros bichos da pista.

Após algum tempo de observação, decidi que estava na hora de enfrentá-la, então me embrenhei nas entranhas do bicho. Àquela altura já fazia parte do grupo de pessoas engolidas pela minhoca. Seu interior era ainda mais hostil do que sua fachada. Havia mulheres com bebês no colo, pobres crianças... Tão meninas e já se encontravam engolidas por um animal chacoalhante, e choravam demais, acredito que estavam sonhando com o momento em que seriam cuspidas dali.

Os idosos iam mais à frente, pouco antes da garganta do bicho, ao menos não pagavam para serem mastigados. Já eu tive de pagar para ser engolida. Sentia o cheiro doce de uma moça que sentou ao meu lado, bom, às vezes nem era tão ruim estar ali, só que os homens cons-

tantemente me lembravam do quão estanho poderia ser estar ali e então me engoliam com os olhos. Eu era comida duas vezes.

Toda hora era um vai e vem de gente na minhoca, tinha cheiro de pamonha, de cocada, de perfume, de suor, de cecê, e todos pareciam muito cansados, exceto um grupo de jovens, todos muito bem arrumados. Tinha trança, tinha esmalte, tinha boné. Constantemente me distraía com as cores das meninas, mas logo passava, afinal meus primos me aguardavam com peões e pipas, eu não podia perder a parada.

Cada minuto dentro da minhoca era uma nova descoberta do mundo. Eu via, me reconhecia, me entristecia... Eram muitos rostos, cada um deles me enchia de curiosidade: a moça que comia uma pamonha com cara de quem merecia mais, o rapaz que tomava uma latinha de cerveja com cara de quem já não aguentava mais. Eu tinha apenas oito anos, era uma menina de oito anos dentro de uma minhoca de metal.

Agora, com vinte e três anos, sinto-me familiarizada com a minhoca de 17 metros. Fico pensando sobre como alguns metros de tornam menores quando a gente cresce, sobre como algumas distâncias parecem maiores. Não me lembro de voltar ao Recanto depois de grande. Hoje em dia a minhoca parece bem menor, acho que até sou uns 5 metros maior do que ela. Subo e desço do bicho de gente diariamente, mas agora é tudo muito monótono, não reparo tanto nos meninos e meninas, nem nas pamonhas, há dias em que eu sou o bicho robótico.

## A biblioteca pública do Paranoá reabriu

lucas daniel

Meu nome é P25F12<sup>3</sup>. Tenho 24 anos terrestres e eu sobrevivi ao apocalipse. Como? Bom, eu sendo um morador do Paranoá, hoje conhecido como Área Canina nº 7, desde os meus seis meses de idade posso afirmar ter experiência suficiente da região para acessar os lugares mais seguros da cidade e por isso não tive problemas quando começaram a soar as trombetas anunciando o fim do mundo.

O que eu tinha que fazer naquele momento era procurar um esconderijo que fosse livre de qualquer ameaça, mas que lugar na cidade poderia ser esquecido até pelos quatro cavaleiros do apocalipse?

Não tive dúvidas ao correr para dentro da biblioteca, localizada e escondida ali próximo à administração e aos bancos, lugares que sempre estão cheios de gente, mas a biblioteca logo ali do lado prossegue vazia e invisível. Aquele era o lugar perfeito, porque zumbis não sabem ler e testemunhas de Jeová não batem nessa porta.

Eu não tinha sido o único a pensar nisso, pois assim que entrei na biblioteca vi uma galera que também buscou abrigo entre as estantes cheias de livros. Ali tínhamos um acervo poderoso e logo tivemos que pensar estratégias de sobrevivência e de fuga.

Conseguimos nos manter vivos comendo no bandejão, sempre disfarçados com bíblias debaixo dos nossos braços, e nessas idas aproveitamos para pegar peças para construir a nave 764. Depois de alguns meses de trabalho, nós fugimos na nave, mas puts... tá cheio como sempre. Aqui em Vênus achamos uma orla de um lago para a gente ocupar, mas dessa vez não tem JK pra tirar a gente daqui. E assim foi construída a Nova Paranoá, mas com um lugar especial que salvou todo mundo. A biblioteca pública do Paranoá reabriu.

## Educador de quem?

Kadan Lopes

08 de março de 2019.

Aqui estou mais um dia, sob nenhum olhar a me cercar. Numa biblioteca quase que desativada na escola em que eu trabalho.

Lembro quando eu estudava aqui, ela funcionava de verdade. Lembro que a Tia Dolores, a senhora que trabalhava aqui, era muito feliz e sorridente, e eu amava ajudá-la depois do horário das minhas aulas. Me amarrava em ficar lá ouvindo as lindas histórias que Dona Dolores comigo partilhava; às vezes até lanche eu ganhava, outrora não ganhava nada, mas me sentia magnífico por estar ajudando a organizar a biblioteca.

Hoje, quase 10 anos depois de eu ter saído da escola, ao retornar de fato para trabalhar, sinto saudades daquela empolgação de adolescente ao me sentir útil quando ajudava a organizar as prateleiras da movimentada biblioteca. Nunca era possível encontrá-la vazia, aqui se encontravam muitos acervos completos, todas vinham fazer pesquisas naqueles gigantescos atlas, que já passariam na mão da escola toda. Como a Dona Dolores já não se encontrava mais aqui, a sua biblioteca já não é mais feliz quanto parecia com sua presença física. Pra falar a verdade ‘tá bem com uma cara de abandono mesmo; ninguém a visita mais, teia de aranha por toda a parte... Deus me drible desse infarto.

Os livros atacam minha rinite só de entrar na biblioteca, que eu carinhosamente apelidei de depósito livros (não) didáticos. Afinal, essa era a sua única utilidade: guardar os livros porque a escola não tinha nenhum “depósito” para onde destiná-los; sem contar a quantidade que mandaram para a reciclagem, muitos kits novinhos em folha.

Sempre que posso tento bancar a Dona Dolores, mesmo sem ter toda aquela vitalidade ecoando em sua voz, para que talvez alguém se espelhe, assim como eu fiz com ela.

Mas, aqui estou mais um dia, sob o olhar sanguinário do diretor, que me cobra trabalho, óbvio; e sempre com uma Fujfilm no pescoço, registrando quaisquer que sejam os sanhaços de seus funcionários e quase queridos alunos. Aquele trabalho que eu amava fazer de graça e que dez anos depois eu ainda fazia, só não amava mais. Agora com uma única diferença: eu recebo almoço e passagem. Pasmem!

Hoje não tenho mais a Tia Dolores pra me motivar com sua empolgada voz, quando eu estiver como hoje. Tic, tac, ainda é 13h40.

Agora às 14:00 é o tão esperado almoço, que eu recebo por trabalhar. Ainda amarelo de fome.

Depois do sonhado almoço que eu tanto fiquei a esperar, eu começo a recepcionar aqueles que vêm para a escola e não me deixam parar de sonhar: a próxima geração, de quem a sociedade insiste em dizer que é meu o papel (sozinho) educar. Não posso parar de sonhar, porque eu aprendi aqui na quebrada do Paranoá que todas as flores foram deixadas para que você possa se espelhar e é por isso que eu rego todas as sementes, para que as mais diversas flores, com seus mais cheirosos perfumes, continuem essas ruas embelezar. Corri e consegui almoçar em 15 min, quase que entalado volto para a sala e tem 45 a me esperar.

O tempo que eu tô com eles é tão passageiro que nem o olhar sanguinário do diretor eu consigo mais enxergar. Eu tenho 45 minutos para contar para 45 que eles nos negam acesso e nos cobram a tal educação... Antes que eu fale, o Moisés pediu para ir ao banheiro.

A Luna pediu pra beber água.

O João foi passear.

Já se passou uma hora e meia...

Daqui pras três e meia eu consigo, não dá para esmorecer.

Tive que fazer a chamada, já me levaram mais meia,  
o sinal toca, já é a hora do lanche?

Me resta meia hora...

Agora vai..!

Bom, eu quero falar que eu sou como vocês...

O diretor abre a porta e mais uma vez sou interrompido, é pra falar do simulado pra gerar dados sobre a educação para o governo.

Lá se vai o resto do meu tão desprezado tempo... Bebo água, olho no relógio, já é a hora de liberar. Acompanho até o portão e já é final de tarde, tchau professor, até amanhã...

Até meu querido!

Volto para casa cansado e sem saber o que fazer.

Durmo e acordo.

Tenho que correr, afinal de contas faz parte do plano de nos embur-recer.

Paranóia, oito de março de dois mil e dezenove, agora treze e quarenta e um, Distrito Federal, a tão famosa capital de quem?

## Cidade que dorme

Jad William

Corpos sistematizados para sobrevivência. Metade dos corpos da minha cidade deixa suas casas ainda com sonhos entre os cílios para movimentar as catracas centrais de um imenso avião, ora branco e verde, ora branco e amarelo, depende da estação, mas sempre Branco. Corporal e arquitetônico. Sempre foi o plano do piloto. Corpos sendo transportados espremidos em latas para os satisfazer.

Acorda.

Enlata.

Catraca.

Enlata.

Dorme.

Acorda.

50 anos em 5, disse o piloto, mas aqui continua sendo um gigantesco dormitório candango.

## Parada da 23 (Corpo transitável)

Ruana Carla

Uma vez ouvi de uma senhorinha na parada que era muito difícil para ela entender o que estava escrito nos letreiros dos ônibus, ela dizia que as cores eram muito brilhosas e bagunçava com as vistas dela. Quase todo dia ela estava lá, espremendo os olhos para enxergar o ônibus que estava vindo, comecei então a tentar adivinhar qual seria o trajeto dela e para onde estaria indo... Talvez fosse ao médico, eu pensei, ou estivesse indo para casa de alguma amiga com a intenção de tomar um café e conversar, não pensei em muitas possibilidades, pois pela idade que ela aparentava ter algumas coisas poderiam ser limitadas a ela. Nunca mais a vi depois disso. É curioso pensar que existem corpos e existências que são condicionados a limites parecidos, existem caminhos, rotas, becos que ameaçam o direito de transitar de certas pessoas... Numa cidade como o Paranoá, de maioria pobre, com a violência eminente todos os dias, marginalizada e conservadora, é necessário para alguns traçarem estratégias de sobrevivência! Eu, mulher negra, bissexual, artista e consciente de mim, preciso esquematizar minhas rotas, não me sinto segura em certos lugares da cidade (quase todos), é quase como se eu estar na rua fosse um grande ponto piscante atraindo homens cis para me oprimir. Ter que me locomover de ônibus pelas cidades me deixa com uma sensação muito agonizante de hostilidade, sinto que preciso estar sempre na defensiva e preparada a todo momento para me defender, não posso ser frágil, me exigem armaduras. Cada 764 que entro é uma “capa” que eu interpreto, cada olhar suspeito é uma resposta pronta na minha cabeça para dar, cada toque, encostada, cochichada é um motivo para conflitos internos sobre o meu corpo e a minha pessoa ocupando aquele espaço... Espaço, eles me negam todos os dias o Meu espaço.



## Joanas

Camila S. M.

Era só mais um dia daqueles em que Joana teria que acordar muito mais cedo, por conta da paralisação dos ônibus. A frota foi reduzida, já que, mais uma vez, os motoristas não receberam seu salário em dia. Por mais que embarcasse sempre naquela lotação amiga, não gostava de contar com a sorte. Pra isso, ela estava às 5h já indo pra parada. Deixava os filhos e lá ia ela pegar o 764.2.

— Minhocão lerdo. Diacho de ônibus é esse? — Ela disse pra primeira pessoa que encontrou na parada depois de ouvir que esses seriam os únicos ônibus pra rodoviária naquela manhã. A murmuração não mudaria em nada o fato de saber que iria espremida naquele ônibus. Ela até queria alugar uma kit mais pra cima, lá pela 30, perto da parada.... Contudo, quanto mais perto da avenida, mais caro. Essa é a lógica. Perto da parada então? Era melhor continuar morando na 7 e subir até a parada enquanto sua disposição diária permitisse.

Enfim entrou no ônibus.

Entraram mais duas pessoas e aí sim fechou-se a porta, claro que com dificuldades. Dava graça a Deus por descer só na rodoviária, não no Lago Sul, já que não precisaria enfrentar, com muitas paradas de antecedência, quase três fileiras de gente em pé só pra descer.

Joana se sentia aliviada. Até que sentiu mais alguma coisa. Algo que não era dela. Realmente, não era. Uma mão em sua coxa a fez pensar que o rapaz teria só esbarrado ao se desequilibrar enquanto o ônibus passava em uma das curvas na subida da barragem. Até que as curvas pararam e lá estava ela de novo. Ela, a mão. Joana, mesmo em instantes, foi ao passado. Resgatou o amargor das vezes que foi alertada por sua mãe que na rua havia um vizinho que dava em cima da enteada, que olhava pras menininhas na rua. O que ela podia fazer? Na época e no agora? O que podia fazer? O que podia gritar?

Não sabia, mas fez! Primeiro se esquivou e, ao perceber a persistência do intruso, lembrou da manchete que ouviu ontem no Df Tv: Paranoá era a cidade com mais ocorrências de violência contra a mulher em todo o DF. Havia mais de 200 casos, só até o 2º bimestre. 2019 não estava sendo um ano fácil. Cada vez mais ela percebia e agradecia o livramento que passou. Largou o marido que não passava um final de semana em casa, só no boteco. Tomou a decisão depois de ouvir de uma vizinha que não esperasse ele levantar a mão pra ela, pois já havia desrespeito suficiente. Logo que ouviu, lembrou do marido comentando a novela: “essa aí merecia levar outra surra pra aprender”. Ela não quis esperar a novela da vida dela acabar e tirou logo de cena o gigolô. Voltou à chamada da tv: mais de 200 casos. A patroa disse: “que bom!” ao ver a tv junto de Joana. Ela se espantou e recebeu uma explicação:

— Joana, muitas mulheres estão denunciando! Não comemorei o que aconteceu com elas... Deus me livre! Comemoro a atitude delas.

Ao lembrar disso, Joana gritou:

— Para agora esse ônibus, motora!

Segurou a mão daquele moleque com tanta força e ele logo começou a chamá-la de maluca, se contorcendo de dor. Mal sabia ele e o ônibus todo, que estava só encarando a cena, que Joana estava no ápice da sua sanidade e muito pouco queria participar dos índices que ouviu. Joana queria honrar seus filhos. Sua vida. Seus passos pesados que gastava todo dia pra voltar pra casa. Queria honrar sua prima que não teve a sorte que ela teve de se livrar de um verme. Queria mostrar que era mulher.

— Tá doida, moça? — disse o cobrador.

— Tem um tarado roçando essa mão suja em mim.

Nem um sinal de freio. Todos olhavam como se ela tivesse de provar algo.

— Eu não fiz nada! — gritava sem parar o fulano com a mão quase torta.

O motorista viu que Joana não ia parar a cena. Logo, disse que na rodoviária “a gente resolve”. Então tá, lá foi Joana segurando a mão do assediador. Ouviam-se vários burburinhos: “o que tá acontecendo?”, “a mulher lá tava batendo no moço”. Ninguém sabia de nada direito. Da catraca pra lá, mal se viam... E da catraca pra cá, o clima bem tenso estava. A coragem de Joana segurava uma mão, mas as piadinhas do cobrador queriam que ela segurasse mais um pescoço... Sua boa educação não permitia. “Eita, que dona brava!”.

Ao chegarem na rodoviária, Joana simplesmente escutou do motorista: “desce e leva ele lá na polícia”. Joana se abalou por ter que andar com aquele vagabundo, super bem apresentável, que se passaria de inocente facilmente aos olhos daqueles que julgam as aparências e se dão por satisfeitos. Ela cogitou a possibilidade de fazer um escândalo, mas aquela não era sua natureza. Como já tinha aprendido: tudo na vida dependeria exclusivamente dela. E assim fez.

Antes que descesse, uma moça se propôs a acompanhá-la e ela aceitou. Obviamente precisaria da boa vontade de uma testemunha.

O absurdo só piorava.

– Me carregando desse jeito vão achar que somos um casal — os estômagos de Joana e sua acompanhante se embrulharam. E, mesmo recebendo nem um pingão de atenção, ele insistiu:

— Uma mulher dessa só pode ser do Nordeste. De onde tu é?

Joana não queria acreditar naquela situação... Depois de tudo. Depois de tudo que aconteceu no ônibus. Depois de tudo na sua vida, apenas respondeu o que sentiu forte o bastante para que o caboclo entendesse que não lhe interessava de onde era, algo que anulasse as ideias imbecis de um macho pensando que são exceções as corajosas e que só devem temer essas poucas.

— Sabe, seu infeliz... Nós pegamos o ônibus na mesma parada. Só quero que você saiba e lembre que eu moro no mesmo lugar que você.

## Quem sou?!

Victória

Eu sou filha da luta, me chamo Victória, tenho 21 anos e estou de pé neste mundo insano. Tenho várias versões da minha história mas vou lhes contar a mais bonita, cheia de luta, resistência LGBTQI+, anti-machista e preta, pois essa é minha cor, sou PRETA MEXMO. Chegamos sempre em certo tempo da vida que queremos nos reconhecer com os nossos olhos, sem interferência de ninguém ou simplesmente sem palpites, são os momentos com o seu próprio Eu. Meu início de reconhecimento se deu a partir dos 13 anos, onde eu queria ver alguém além do proposto por minha mãe superprotetora, com princípios vindo de mim.

Tendo sempre uma rotina de vida muito regrada pela minha mãe, aquilo me irritava muito, por mais que ela me ouvisse e tentasse me compreender não era o que eu esperava.

Certo dia na escola me vi interessada na minha melhor amiga, MEU DEUS, eu não sabia o que fazer, sempre me foi colocado como algo tão incorreto e fugia dos padrões. Eu leiga de parte das coisas do mundo acreditava em padrões a serem seguidos, seria um tabu dentro de mim. Pois bem, isso passou, foi momentâneo aquele interesse, mas não deixava de dizer quem eu realmente sou.

Passei por momentos difíceis, como explicitar isso pra minha mãe? Sabendo que só teria ela, já que meu pai era totalmente ausente, precisava de coragem e posicionamento. Enfim eu consegui, passei por isso da melhor forma possível.

Após me expor pro mundo, sofri homofobia extrema, apanhei na rua por andar de mãos dadas, e depois fui à delegacia e não quiseram registrar essa violência contra mim e minha companheira da época. Tá aí mais um ato de resistência para que eu continuasse minha caminhada.

Eu simplesmente peguei cada situação que passei e fiz de “tijolos” pra me erguer e mostrar cada vez mais quem sou e para o que estou aqui. Reafirmo que sou filha da luta de um povo preto cheio de cultura, história e força, é um dos motivos que me fazem seguir.

Hoje em dia eu tenho plena certeza de quem sou e qual a minha missão como mulher preta, lésbica e de periferia na sociedade; tenho uma companheira incrível, uma mãe maravilhosa e pessoas que me cercam como seres extraordinários.

## Cria do Paranoá

Jad William

descendo a avenida Paranoá,  
uma dúvida paira no ar.  
devo temer o menor encapuzado,  
ou o militar a me abordar?  
sempre andando nessas ruas  
entrequadras pude confirmar,  
melhor passar bem longe  
se qualquer macho aproximar

logo aos 13 anos,  
aqui não mais quis estudar.  
lembro do dia que um menino branco  
ameaçou me espancar,  
dizia ele que no final da aula  
homem, enfim, eu ia virar.  
e por morar tão longe  
e a pé ter que voltar,  
me guardei dentro da escola  
até a lua me acompanhar.

ah, Paranoá!  
aqui tudo é tão perto,  
mas naquele dia,

tuas ruas se puseram a esticar.  
cheguei em casa chorando,  
pedindo MÃE EU NÃO QUERO MAIS VOLTAR  
mal sabia o menino  
que ataque na rua seria regular  
que nos becos desses caminhos  
teria que enfrentar  
macho escroto ao quadrado  
lhe pedindo pra chupar  
É DE LASCAR! dá vontade é de arrancar,  
finalizar na jugular,  
fazer um de exemplo  
pra ver se aprendem a respeitar  
mas melhor deixar pra lá.  
apesar de tudo isso  
essa quebrada ainda seria o seu lugar  
e logo menos tudo em volta,  
peça a peça, iria encaixar.

madame satã a me guiar,  
minha arte aflorar.  
na gengiva, versos poéticos em forma de gilete,  
só o que quero carregar.  
lapidada e periférica  
cria do Paranoá.

## Afeto

Ruana Carla

Por muito tempo da minha vida me relacionei com pessoas – homens – cis que sempre me faziam ir até eles, o que me dava uma falsa sensação de autonomia. Sempre “impecável”, saía de casa duas horas antes para um encontro, às vezes eram dois ônibus, um metrô, uma caminhada de 20 minutos e enfim, chegava ao meu destino, pra no final do dia não me sentir tão satisfeita assim. Foi depois de reflexões dolorosas que percebi os desequilíbrios dessas relações, eram homens independentes, com uma renda estável, que só me queriam para um caso, caso esse que era inviável de acontecer no Paranoá: eles nunca vinham até mim.

Quando passei a exigir essas e outras coisas, percebi que existia uma questão para esses homens, que era sobre o meu corpo enquanto mulher negra e o lugar onde eu moro, a gente nunca poderia viver um afeto aqui... Me liberei dessas relações. Conheci então um homem do Paranoá, com quem construí outras dimensões do que eu merecia e poderia viver sobre afeto, sem necessariamente ter que pegar dois ônibus, um metrô e... Porque entendi que é sim possível o amor e amar no Paranoá, mas a cisnormatividade nos lembra todos os dias enquanto casal que nem todos os lugares nos pertencem, ele é trans e para a cidade ele não pode ser só homem. Sair para beber na praça da 21 não pode ser só sair, os olhos nos atravessam, os comentários nos afetam, andar de ônibus juntos nos preocupa... Mas, apesar dos pesares, não nos negamos, não nos privamos, se não nos cabe por ser quem somos a gente invade, reivindicamos o nosso direito de amar, de se tocar e de viver uma história de amor no Paranoá.



## Cachorro e Borboleta

lucas daniel

Não nascer no centro é crescer no ônibus. Desde cedo aprendemos a subir as paradas para conseguir pegar um lugar vazio dentro do veículo, decoramos a matemática dos horários e linhas dos ônibus, reconhecemos qual cor vai para qual lugar, dominamos o equilíbrio de onde segurar para não cair nas curvas e arrancadas.

Os mesmos rostos cansados, corpos sentados e em pé que se encontram todos os dias nos fins da madrugada. A comunidade junta pela obrigação comum de chegar no horário. O centro controla o tempo e os espaços que esses corpos ocupam a partir dos seus trabalhos.

As paradas e ônibus cheias de pessoas, muitas mulheres usando ras-teirinhas ou sapatos baixos, calças jeans e bolsas. Reconheço minha mãe em cada uma delas, que são as primeiras a acordar já que têm que dar conta de duas famílias, a própria e a da patroa. Quando seus filhos e filhas não têm aula nem uma parente ou vizinha com quem ficar, acompanham a rotina de não perder o ônibus das seis e meia.

Os patrões e patroas não tratam as mães do Paranoá como empregadas, elas são parte da família, mas que família é essa em que elas têm que ficar escondida na cozinha? Ou que têm que descansar em um cômodo dividido entre um quarto que mal cabe duas pessoas e o único banheiro minúsculo que é permitido para elas usarem? E a comida? Arroz com brócolis? Panquecas? Nunca comi isso lá em casa...

Não dá para entender quando uma pessoa que limpa a casa do chão ao teto, sacode as cortinas, lava as roupas, arruma todas as camas não tenha direito de se sentar à mesa para almoçar a comida que ela própria preparou. Desde sempre a hora da refeição era tratada como sagrada, um momento de reunião da família. Não tenho dúvidas que ficaria de castigo se não respeitasse esse momento, mas minha mãe parecia estar em um castigo constante. Sempre caminhando pelos

cantos, cuidando para passar despercebida enquanto faz seu trabalho em silêncio. Trabalho. Qual o interesse em querer mascarar a relação de trabalho com um falso vínculo familiar? Não basta ter uma doméstica em casa, tem que alimentar o ego com uma suposta inclusão, colocar o trabalho oferecido como uma ajuda ou um privilégio, tratar a relação patrões-empregadas como uma parceria que beneficia apenas quem não precisa sair do centro.

Uma das idas para visitar a outra família de minha mãe coincidiu com um dos vários pedidos da patroa de dormir por lá mesmo para ajudar com o filho. Tinha que criar em casa e criar para os outros, suas pausas durante a extensa lista de tarefas davam espaço para as descidas com filho da patroa, que corria de um lado para o outro no térreo do prédio sobre um chão liso e encerado. Não parecia tão divertido quanto é na quadra 20. Cadê os sons dos tacos de bate se batendo? E os sons das bolas batendo nos portões quando acontecia algum passe errado? Essas crianças do centro não sabem o que é bom... Na minha rua as crianças riscam o chão com pedaços de tijolos e gesso para fazer os campos, se escondem atrás dos carros e árvores, jogam queimada, golzinho, tênis de pé, mamãe da rua e três cortes. Usamos os postes como piques e a rua era todo o nosso mundo, só não vale arruinar. Não tinha preocupações sobre que lugares eu posso ocupar e estar, porque a rua bastava.

Chegando a noite, as brincadeiras davam pausas para silhuetas iluminadas pelos postes que surgiam no fim da rua avisando que nossas mães haviam retornado em segurança. Cada mulher era recebida com abraço, beijos e sorrisos de seus filhos ou filhas, antes de iniciar a sua segunda jornada com sua verdadeira família, mas dessa vez usando qualquer copo ou qualquer banheiro da casa. As noites acabavam com conversas nas calçadas até ouvir a voz do meu pai me chamando para entrar, mas não essa. Essa noite lembro de olhar a janela do apartamento em que minha mãe passa metade de todos os seus dias. Vejo outras milhares de janelas de apartamentos em vários outros prédios de seis andares e só consigo pensar que ali não é o meu lugar.

Quantas mães do Paranoá olham por essas janelas? Quantas se sentem alheias a esses espaços? Será que elas chegam a ter tempo para isso? O que tiveram que passar para estar ali? Que comidas tiveram que aprender para fazer os gostos da nova família? Para elas, ter seu canto e seus filhos alimentados e felizes era a prioridade. Todo o sacrifício valerá a pena.

A rotina é a mesma até a hora que a cidade dorme, as paradas do centro se iluminam com as luzes alaranjadas que contrastam com o céu escuro e os edifícios de concreto com 6 andares. Novamente as pessoas se reúnem para ocupar os mesmos ônibus depois do centro tomar tudo o que as pessoas da margem podem oferecer.

O fim de um expediente talvez marque o início da segunda parte do dia. As mães do Paranoá encaram o medo de voltar ao ponto de partida. As ruas escuras escondem possibilidades que resumem a quebra da nas manchetes e notícias de jornais, mas aí a cidade se junta para ninguém se sentir só. Alguns buscam suas mães e companheiras nas paradas, outros buscam alívio nos olhares de não ter que descer as ruas sós. E novamente o centro nos controla com base no medo.

Medo de andar no lugar onde nos colocaram, medo de ocupar nossos espaços, medo de andar sozinho na rua, medo de se expressar plenamente... Mas o maior medo não é o nosso, é o deles. Eles têm medo de que percebamos nossa história, que a gente veja que não estamos sozinhos. É como um grande cachorro que anda pelos cantos e não tem dimensão de seu tamanho, mas serve totalmente à borboleta preta, majestosa e central, porque dizem que ela tem poder de nos cegar. Devíamos parar de nos iludir com a beleza da borboleta e encontrar nossa matilha.

Não sou daqui  
E nem vim pra ficar.  
Nesse tal avião com asas de sul a norte,  
por este planalto  
nunca me deixam pairar.  
Isso não me impede de sonhar;  
quer dizer, DE VOAR!

Meus voos sempre foram altos  
Planei em cima de um pau de arara  
Um azul no céu  
Onde só os VIVOS conseguiriam chegar.

Eu vim de lá...  
Sem conhecer nem uma quadra, quem dirá uma SUPER-QUADRA.

As sombras dos pés de algaroba,  
Onde eu parava para descansar,  
Me lembram a dos blocos  
Onde hoje  
Eu posso mal pisar.

Pega a tesourinha  
Apara as pontinhas!  
Corre lá!!  
Pra não perder teu circular.

De onde eu venho  
É tanto jumento solto

Que de gravata  
Até me lembra  
O que aqui  
Cês chamam de parlamentar

É tanta coisa estranha aqui, VÉI,  
Que até hoje  
Eu não consegui  
Me enquadrar.

Já tenho vinte e dois anos  
E hoje eu sei até falar  
Que por mais que ame tanto  
Meu lindo e falso  
Lago Paranoá  
Eu sempre irei lembrar  
Do meu alto do baião,  
Na descida da Vila Azul  
Na terceira à esquerda do meu coração  
É pra lá que eu quero voltar

Se não entender,  
Vem comigo voar  
No calorão do meu sorriso,  
Te mostro o encanto do meu Ceará.

Paranóia, nove de abril de dois mil e dezenove,  
à meia noite e quatro minutos AM.  
BRASÍLIA, CAPITAL DE QUEM?

## Eu sou nós

Victória

Eu sou nós, tenho 20 anos e sobrevivi ao apocalipse seguindo minha plenitude. Mesmo querendo algo acelerado soube administrar o meu tempo e colocar meu plano de me dividir em quatro em ação, para finalmente realizar meus processos de sobrevivência.

Sabemos que nos programar perante o tempo é super difícil, mas, no momento, para permanecer viva, era meu maior desafio: por mais que eu tenha me tornado quatro queria suprir meu ego da perfeição em cada detalhe. Organizar os pensamentos e o mínimo de coisas necessárias para carregar comigo foi o mais complicado, pois me apego muito a todas as coisas. Pensei em salvar algumas pessoas também mas refleti bem sobre, e meu egoísmo gritou dentro de mim. Segui minha intuição de pegar minhas pequenas coisas e vir pra cá, e fico feliz de encontrar vocês salvos, pena que eu não pude ajudar. Essa foi minha situação de sobrevivência para resolver tudo o que pretendia em tempo hábil, colocando em risco minha vida.

## Vênus em Peixes

Meu nome é lucas daniel, sou ariano com ascendente em capricórnio e lua em virgem, mas não se assustem, porque minha vênus é em peixes. E talvez por ter peixes no mapa, sempre fui sonhador, inclusive desde pequeno já saí do armário para minha mãe revelando que eu queria mesmo era ser menina. Minha mãe teve medo, e que mãe não teria? Ela é bem mais vivida que eu e ela sabia que nascidos como eu não seriam bem tratados por aí.

Detestava futebol e gostava mais de fazer amizades com meninas do que com meninos, isso porque achava um saco ter que ouvir as conversas sobre quem era a menina mais bonita da sala ou quem delas eles queriam pegar. E nem era tão legal estar com eles, sabia que iriam rir da minha voz ou apontar qualquer “deslize” da macheza generalizada como coisa de boiola. No fim, era coisa de boiola mesmo, que me fez crescer de forma tímida por medo de ser julgado, mas finalmente deixou de ser medo para ser identificação quando percebi que existiam várias pessoas como eu.

Fui privilegiado com um pai goiano e uma mãe piauiense, já que o Paranoá é marcado pela vinda de pessoas de outros estados, em especial do Nordeste, e em toda agência de viagem não falta destino para lá. Mesmo meus pais tendo medo do que o mundo poderia fazer, me apoiaram e me deram amor pelo o que sou e pelo o que sempre fui. Também sou morador do Paranoá desde que me entendo por gente, digo isso porque nos meus seis primeiros meses, quando eu já era gente mas não sabia, morava nas kitnets subterrâneas do comércio da W3 Norte.

No Paranoá, já morei tanto no lado ímpar quanto no lado par, de onde guardo lembranças e amigos incríveis que fiz enquanto brincava de pique-bandeirinha. Sempre estudei em escolas da Asa Norte e tenho que admitir que sou fascinado pelas luzes de Brasília. Gastei muito passe livre só pra ver como a cidade se movimentava, mas minha parte preferida era a volta para casa, onde via todas as luzes de Brasília de noite da janela do ônibus. Inclusive aqui no Paranoá tem uns pontos bem bonitos onde podemos ver essa paisagem.

Hoje sou estudante de Serviço Social na UnB, imaginem o orgulho do meu pai e da minha mãe ao ter alguém da família entrando numa universidade pública... E esse é meu estado atual. Eu me sinto perdido em relação ao futuro, mas me mantenho positivo pensando para onde o destino vai me levar.



## Um mundo colorido e diverso

Hugo Queiroz

Eu sou Alberto Nogueira e tenho 38 anos. Sou formado em física óptica, fiz esse doutorado por ter daltonismo e, não conformado com essa situação, decidi projetar um óculos que possibilitasse ver as cores do mundo. Mas antes disse eu precisava fotografar e filmar os espaços ao meu redor, então passei uma semana registrando todas as cenas para projetá-las em meus óculos. No dia do teste eu me preendi em uma cápsula de mercúrio para que minha mente estivesse limpa e despreocupada na hora em que as imagens fossem projetadas em minha mente antes de eu finalmente sair de casa. Quando eu saí da capsula o mundo em que vivemos estava arrasado, a destruição estava em cada légua de distância. Eu sobrevivi ao apocalipse, mas não havia mais cores para ver, agora que finalmente eu podia.

## Autobiografia de Raquel Prosa

Não consigo me lembrar ao certo o momento em que tomei consciência do que meu corpo representa nos espaços, nem de como circular por aí significa existir para além das funções e limitações biológicas que me são impostas. Cresci saudável e feliz, transitei pelos lugares que quis, e também pelos que me imaginação me permitira; com o passar do tempo é que fui me questionando porque é que minhas feições causavam estranheza ao mundo. Na adolescência me dei conta do processo de auto-ódio à minha imagem, eu não queria mais me limitar às imposições que vivi ao longo dos anos, eu não queria mais me odiar. Hoje com 23 anos me sinto parte do mundo, eu moro no Paranoá, nos meus amigos, nos meus amores.

## **Autobiografia de Ruana Carla**

Me chamo Ruana Carla, tenho 19 anos e sou mulher negra, artista plástica e inquieta. Meu entendimento enquanto artista se deu com processos de muita curiosidade e inquietação, sempre questioneei e busquei entender as coisas ao meu redor. Sou moradora do Paranoá desde sempre e viver aqui foi e é muito importante para as minhas narrativas, mas existem implicações para a minha existência enquanto tudo que sou, é necessário sobreviver por aqui.

## #PRETAPATRÍCIA #PRETACAMILA

Autobiografia de Camila S. M.

Uso meu instagram como um lugar de conforto. Busco seguir mulheres que se pareçam comigo. O estilo, a cor da pele, as ideias. Se eu me identifico, eu sigo. E num desses minutos gastos só observando postagens e distribuindo likes, vi algumas blogueiras negras interagindo entre si, chamando umas às outras de “pretas patrícias”, por estarem viajando para outros países, conquistando sonhos, estando em lugares inovadores. Eu, Camila, nascida e criada no Paranoá e moradora dessa cidade até hoje, sempre neguei o rótulo de patricinha. Eu não sou nem um pouco parecida com aquelas garotas brancas e loiras que moram em Beverly Hills, como mostram alguns muitos filmes que vivem passando na Sessão da Tarde. Minha vida também não se assemelha às das meninas que vivem em condomínios luxuosos aqui em Brasília, seja lá onde for... Mas houve uma época em que percebi não ser aquilo que enxergavam quando minha cidade era descrita e afirmo: sou uma preta patrícia do Paranoá.

De fato, não moro em uma mansão, porém vivo numa casa própria e na mesma desde que nasci. Luxo. Comprada pela minha mãe que trabalhou desde tão nova. Sem escritura como todas daqui, e já perdi as contas de há quantos anos tá em reforma. Tenho um quarto só meu. Luxo. Um banheiro que é compartilhado apenas por mim e minha irmã. Luxo. Temos tvs, um computador, wi-fi. Tenho uma escrivaninha, um lugar adequado pra estudar... Luxo.

Luxo pra muitos daqui.

Estudei sempre em colégios particulares, desde o ensino infantil e como bolsista, depois que saí do Gonçalves Dias, lugar que possui meu coração mesmo depois de todos esses anos. Meus pais sempre se desdobraram pra me dar o que não puderam ter. Meus padrinhos ajudando. Posso afirmar que fui um projeto de vida de duas pessoas: Edite e Nerivan, já que eles depositam ainda tanto esforço, anos de

trabalho, tempo e tudo o que pais presentes podem me ofertar. Sem dúvidas, é um luxo tê-los por perto.

A escola pública era um mundo completamente desconhecido por mim, mas a universidade federal não... Passei na UnB e simplesmente passei. Segui uma espécie de curso natural, eu não senti o impacto dessa conquista tão cedo. Me senti muito feliz por conseguir retribuir os investimentos de expectativas, mas principalmente de forças, dos meus queridos pais.

Uma boa parte das pessoas podem achar que isso é comum, como eu, que cheguei a pensar que todos meus amigos ou conhecidos tinham oportunidades como as que eu tive, como as que meus pais agarraram e me mostraram, e é esse o ponto: na perifa, as coisas não são tão simples assim... A todo momento você está sendo posto à prova. Algumas pessoas desacreditam do potencial do outro. Alguns acham impossível alcançar sonhos. Muita gente desiste, por não saber pra onde ir.

O preconceito dita seu lugar e muitas vezes ele convence.

Nunca fui chamada de patricinha nas escolas em que estudei, ou em lugares que frequento. Fui chamada de patricinha por vizinhos, pessoas que moram em outras periferias como eu. Quem me dera reconhecessem que eu sou uma preta patrícia por poder ir a todos os comércios que quero sem precisar gastar um pingão de gasolina, porque aqui tem de tudo na avenida. Isso é luxo, não é? Ou por poder celebrar o Natal com a vizinhança, pois nos tratamos como família! Quantas pessoas vivem enclausuradas em apartamentos sem conhecer quem mora ao lado?

Pensando bem, preta patrícia soa bem.

Sou a preta Camila. Estudante de Letras – Português. 21 anos. Futura professora. Preta patrícia por almejar conhecer o mundo e ainda continuar amando meu lar. Preta patrícia por querer melhorar o lugar que moro, saindo dele seja qualquer for a razão, mas nunca esquecendo de voltar.

## Autobiografia de Hugo Queiroz

Eu me chamo Hugo Queiroz, sou nascido e criado no Paranoá, tenho orgulho de dizer que vivo nessa cidade, por sua história de luta e resistência feita pelos pioneiros que vierem para essa região na década de 50 e mantiveram-se nesse lugar apesar da opressão do Estado. Também me encanto pelo significado e origem do nome que vem do Tupi significando “enseada de mar”, porque conta a história do índio Paranoá e de Jaci, a deusa lua, que se apaixonaram e foram amaldiçoados pelo deus Tupã por se tratar de um romance proibido entre os dois. Ambos foram condenados a passar a eternidade longe um do outro, uma no céu iluminando a noite e o outro nas águas gerando vegetação. Me interessa por essa história porque tenho uma certa admiração pelas águas, lagos, rios, cachoeiras e mares. Apesar de nunca ter visto o mar de perto. Gosto de fotografar a natureza e uma das minhas maiores fontes de inspiração é o lago Paranoá, fico hipnotizado com os diversos contrastes que o sol, a terra e o céu contrapõem a essa bacia. Hoje eu moro no Paranoá Parque, um setor habitacional do Paranoá, comecei minha militância política enquanto estava no ensino médio no CED Darcy Ribeiro do Paranoá, participando de oficinas e campanhas do Projeto ONDA do INESC, e atuo em outros coletivos e participo de outros projetos que tenham como foco os direitos humanos e a resistência periférica.

## [amor te escrevo amanhã]

Capitú

foi uma festa demoníaca foi um grito um berro numa rua do itapoã  
fui eu me rasgando todo por amor [de novo]  
bebendo o cuspe do amante e engolindo palavras no meio de boquet-  
es

esse falso touro espanhol domado (eu) que num galope frenético bal-  
ança todos os sete corpos, as mãos y as coxas pra fazer amor como  
linguagem que transcenda todas essas linhas horizontais e essas  
noções terrestres, que mostra tuas verdadeiras formas, desveste-se  
de toda ruptura pra ser um continuado di calor di calor *calor* esse fal-  
so auroque selvagem esse garrote profano que coloca folha de man-  
jerição na ponta da língua pra visitar planetas planos e esferas que  
ainda nem existem

desce a um corpo cedido temporário e submetido pra num beijo uni-  
do por fio de saliva quente fazer amor como fala, como ato y como  
carne. amor transbordando num halo fino, amor entupindo a pia, a  
porta da geladeira, o espaço entre o chão y a cama. amor engolfando  
todas as frestas, entrando y saindo de todos os orifícios, amor nos  
banheiros públicos, amor nos ônibus lotados, no 764, no 765, no  
780, amor nas filas da rodoviária, nas filas do metrô, em todas as filas:  
amor

quando eu danço sozinho no banheiro y o calor do meu corpo em-  
baça a superfície do espelho: amor

amor gatuno felino de rabo macio mas garrasssss *afiadas*  
y repetir essa palavra até ela soar esquisita até esquecê-la e não  
reconhecê-la mais pra então desfazê-la y remontá-la desmontá-la  
pra ressurgir-la recriá-la revivê-la em caráter de doação sem espera de  
retorno, donativo y não possessivo em conotação polissêmica anti-  
gramatical antiacadêmica e verbo livre (aliás: *libre*, pra ser o mais lati-  
no possível)

amor ar-mor ar *ar pra respirar*, escafandro em sociedade moderna, enche os pulmões se tu tem coragem, vai! y faz peito crescer crescer com ar-amor

mor morder mor mar maré morar morada namorar namastê axé oxalá e que assim seja

amor y *amor y amor*

y *ardor* ardor de penetração de dar o cu que também é amor, e tanta forma di fazer y dar y receber y trocar amor saber tirar amor, saber plantar e colher, saber passar troco de amor e comer sucrilhos de amor

transformar transformador *transformador de formar dor?* NÃO!

transformamor de transformar amor em mar

ficar cansado di falar ficar cansado di dar ficar com músculos doendo, fatigado, embebecido, avermelhado y com odor

cheiro de corpo cheiro di

amor

deixar a palavra bem molhada bem molhadinha, deixar pingar no chão di onde estiver y torná-lo sagrado, deixar palavra tomar gosto di abacate adoçado cum rapadura, deixar palavra doce y natural como mel, deixar pingar pinga pinga di cachaça qui desce di uma vez esquentando garganta formigando por ondi passa, virar o copo y baturar as bordas com dedos di amor cum unhas pintadas de esmalte azul di amor, deixar palavra tomar corrente afluyente escorrente nascente limpante y entortante (que é pra disendireitar quem acha que tá muito reto) passante y visitante recebendo check in di amor em viagem transatlântica di gente pra gente viagem transcontinental di corpo pra corpo transc corporal trans di transpassar di atravessar *trans di transar di foder di comer y di melar*

pra amor virar leite derramando y derramando leite y cada vez mais leite leite derramar deixando todos aleitados lactados y nutridos

pra fortalecer ossos

pra curar ressaca

pra mudar política e fazer micro virar macro em partículas *partículas de amor*



palavra pequena pequena GRANDE PALAVRA DE ALCANCE ATMOS-  
FÉRICO  
EXTRATOSFÉRICO UNIVERSOFÉRICO COSMOFÉRICO DIMENSOFÉRI-  
CO E  
SOBRETUDO PER-PERIFÉRICO  
sussurrando:

[amor, te escrevo amanhã]

Capitú cresceu junto com a cidade de Itapoã. Tem 20 anos, cursa Sociologia e Antropologia na UnB e tenta devolver pra cidade a força com a qual foi nutrido por ela desde sempre.

## Além de preto, é viado.

Jad William

piada na rua tinha um bocado,  
alerta vermelho de supermercado  
mas afinal, o que tinha de errado?  
que mal faria um preto afeminado?  
quando criança, à Virgem Maria  
rezava todo mês de maio,  
dedicava as noites acordado,  
perguntando aos céus se era culpado  
de amar do mesmo lado,  
e no silêncio imaculado  
bendito fruto, além de preto,  
se fez viado.

## Que desafios, perigos e discriminações enfrentam mulheres, lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans em seus caminhares pelas cidades?

*Como a falta de investimento em políticas públicas que garantam o direito à mobilidade urbana afeta esses corpos? E, por outro lado, que sorrisos, resistências e poesias são descobertos nas esquinas do Paranoá e do Itapoã?*

Nessa terceira edição do Mapa das Desigualdades no Distrito Federal, optamos por centrar nossos olhares nas cidades do Paranoá e do Itapoã, que estão **do lado de lá da barragem** do lago criado para receber Brasília. As duas cidades emergem da luta pela moradia: o Paranoá, nascido na década de 1980 do acampamento de trabalhadores e trabalhadoras, muitos deles que aqui chegaram para construir a capital; o Itapoã, fruto da ação de movimentos sem-teto já na década de 2000.

Assim, são duas cidades irmãs – não apenas pela história de luta por moradia, mas também pela proximidade que guardam uma da outra e pela realidade compartilhada. Hoje vivem no Paranoá 66.138 habitantes e no Itapoã, 60.325, sendo ambas majoritariamente negras. Nas duas cidades, a questão da mobilidade urbana ocupa papel central, já que 81,3% das (os) habitantes do Itapoã e 73,9% das (dos) habitantes do Paranoá trabalham fora de sua região de domicílio, fazendo com que longos trajetos em um transporte público caro e de baixa qualidade sejam cotidianos (dados da PDAD, 2018). Há também pouca infraestrutura para o transporte por bicicleta e a pé nas duas localidades. Discutir as experiências vividas nos trajetos cotidianos, que muito nos revela sobre o direito à cidade, é um dos objetivos dessa publicação. Se a falta de investimentos públicos sobrecarrega todos, pesa de forma mais pungente na vida das mulheres e da população LGBT.

Desde 2016, o Movimento Nossa Brasília desenvolve o ‘Mapa das Desigualdades’, levantando indicadores das desigualdades que constituem o território do Distrito Federal. Inspiradas (os) em iniciativas semelhantes como as da Rede Nossa São Paulo e a Casa Fluminense, o objetivo do Mapa é, além de denunciar as desigualdades, também servir de ferramenta política para enfrentá-las.

Seguindo os passos da edição anterior do Mapa, realizada em 2018 na Estrutural, organizamos grupos focais, etnografias e entrevistas para tentar responder essas questões. Nada melhor, no entanto, do que escutar (e ler) quem vivencia isso tudo na pele, ao invés de mantermos o hábito de separar quem vive as desigualdades de quem as analisa. Essa publicação, assim como os vídeos que integraram o projeto, traz essas narrativas, construídas por jovens mulheres e LGBT do Paranoá e do Itapoã, como um convite para conhecer as duas cidades. Um convite a perceber e denunciar as desigualdades, mas também a apurar nossos olhares para as resistências cotidianas, para as reinvenções de todo dia, onde estão, sem dúvida, as possibilidades de transformação da realidade.

## **Movimento Nossa Brasília e Inesc**

## nas margens da (não)cor, do centro, do sexo-gênero y nas margens do lago

é com força de alegria e(m) luta que a **padê** publica as autoras/es raquel prosa, victor hugo, lucas daniel, camila s. m., vitória, capitú, jad william, kadan lopes, ruana carla na **escrevivências**, cole-sã inspirada no conceito de conceição evaristo, y dedicada dedica a textos maravilhantes de literatura lgbtqi+ majoritariamente negra, contemporânea, periférica, feita por escritor@s iniciantes. são mais de 50 títulos de sapatonas, travestis, pessoas trans, gente não-binária, povo preto sexual-dissidente de tantos lugares dum brasil que insiste em nos matar, que se recusa a ouvir nossas vozes. ainda assim, aqui estamos: falamos, escrevemos. sonhamos!

a feitura dos textos **764: Da barragem pra cá**, único de autoria coletiva na cole-sã, se deu em oficinas de escrita criativa (ministradas por mim e kati souto) y de prosa (ministradas por pedro ivo e nina ferreira) a partir da inquietação: como corpos dissidentes sexuais y racializados transitam, habitam, transgridem uma cidade periférica do distrito federal? são exercícios de escrita pós-apocalíptica, relatos autobiográficos, e contos ficcionais expressando as vozes singulares de sujeitxs complexos que contrariam as estatísticas mas também as expectativas da mirada colonial que tenta prender nossa literatura a um paradigma de dor.

o racismo htcisnormativo, mola de funcionamento do sistema colonial fez nossa banda do continente ser escravocrata, lgbtqifóbica, negro-indígena genocida, transfeminicida, classista, desesperançosa, fundamentalista, e tem entre suas principais ferramentas o silenciamento: tenta nos roubar de nossas palavras, roubá-las de nós; quer nos contaminar colonizando nossa expressão/discurso/narrativas; quer despermitir que plantemos nosso próprio imaginário. pretente, arrogante, difundir seus estereótipos sobre nós enquanto finge que não vê não ouve não sabe nem quer saber o que nós mesmxs temos a dizer sobre nós, sobre o mundo.

publicar esses textos y autorxs tem a ver com uma fé no contar nossas próprias histórias de forma a curar nosso passado, alimentar nosso presente, construir nosso futuro: além de incomodar sonos injustos, como disse a escritora homenageada pela coleção com “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”, nós & nossas palavras estamos aqui principalmente pra embalar os nossos sonhos de mundos, imaginários, afetos, existências possíveis, plenas, autodeterminadas, autoafirmadas literariamente.